

# O futuro está aqui

*Economia - Brasil*

O futuro já chegou. A economia brasileira vive seu momento mais positivo e promissor das últimas décadas. Sempre houve esperança. A inflação entretanto, impossibilitava o exercício prático de uma necessidade vital do homem: acreditar no futuro. A estabilidade devolveu aos brasileiros perspectivas, no exato sentido da palavra. Não há memória de uma conjuntura interna e externa de tal forma favorável: e, principalmente, bem utilizada por um governo que, acima de erros e acertos, desfruta de credibilidade com a população.

Há ainda muito por fazer, mas o que já foi realizado nestes poucos anos de vida do Plano Real permite-nos ter tranquilidade quanto ao futuro. Estou convencido de que, uma vez ultrapassada a questão da reeleição, o governo vai promover as reformas necessárias à sustentação definitiva de seu programa econômico. Digo isso porque observo que a sociedade está madura para tais reformas, que, feitas sob o regime democrático, têm exigido tempo para negociações. Não há dúvida que o Congresso Nacional cumprirá seu papel de representante do povo, que aprova o estabelecimento urgente das reformas que modernizarão de uma vez por toda o País. Não só as aprovam, mas exigem-nas.

No processo de reformas, a privatização é fundamental. Ninguém, comprometido como o futuro do País, é contra a privatização, diante do imenso êxito obtido na transferência para o setor privado de empresas estatais que, antes deficitárias e hoje rentáveis, investem, criam empregos reais e pagam impostos.

Não é hora de criar polêmica sobre as formas de privatizar. A pior privatização é a que não foi feita.

O momento é precioso para que aproveitemos a conjuntura externa favorável e continuemos com o já retomado crescimento econômico. As enormes diferenças sociais que ainda persistem no Brasil só serão reduzidas com a efetiva entrada do País no bloco dos chamados países ricos, onde também há problemas, excluídos e dificuldades. A permanente perspectiva de futuro traz consigo a possibilidade real de soluções para tais problemas e estimula a so-

ciiedade ao investimento de longo prazo, esteio do Primeiro Mundo.

Estou convencido de que o novo modelo do desenvolvimento econômico do Brasil tem no mercado de capitais seu mais importante instrumento de geração de recursos. Nesse cenário, o papel da BM&F cresce em importância. Com a estabilização, a BM&F passou a movimentar diariamente R\$ 19 bilhões. Apesar desse número expressivo, posso afirmar que, ao contrário de outros, somos ainda um país que não sabe aproveitar o potencial desse mercado. Continuamos a financiar a maior parte da produção e da comercialização por meio de um sistema de crédito tradicional, menos eficiente e mais oneroso, e não por meio dos recursos existentes no mercado de capitais. Nos Estados Unidos, por exemplo, mais de 80% das operações de financiamento são feitas no mercado de capitais, enquanto no Brasil esse número não chega a 4%. Isso é resultado da credibilidade no desenvolvimento empresarial de longo prazo.

No Brasil, estamos paulatinamen-

te aprendendo as formas de manter o setor primário, fundamental na nossa estrutura econômica, forte e saudável. Isso porque nosso mercado é ainda fechado e limitado. Não há liquidez suficiente para atender, digamos, ao agricultor, que pretende vender antecipadamente sua produção na bolsa de futuros para reduzir os riscos da oscilação de preços, numa operação de hedge. Em consequência, cai a sua capacidade de competir com produtores do Exterior, onde tais operações já são rotina e fazem parte do ciclo da produção e comercialização. Isso torna-se particularmente relevante quando a safra brasileira, que gerou uma receita de R\$ 15 bilhões em 1996, tem papel destacado no equilíbrio da nossa balança comercial.

Essa é a razão pela qual a BM&F defende a tese de que o Brasil deve

trazer investidores externos para dividir o risco de mercado conosco, investidores locais. Um risco que, embora eles queiram partilhar, é hoje assumido apenas por nós. Isso, porém, somente será possível com o alargamento do processo de abertura econômica. E não me refiro apenas à agricultura, mas também à indústria, ao comércio e aos ativos financeiros. Todos estão direta ou indiretamente ligados ao mercado de futuros, cada vez mais dinâmico com a estabilização econômica, que permitiu alongar os prazos dos contratos futuros.

A BM&F é a quarta bolsa do mundo e está preparada para oferecer proteção de preços a diversos setores da economia. Por exemplo, até novembro de 1996 os juros pagos pelo governo foram R\$ 1,5 bilhão inferiores aos do mesmo período de 1995. Isso foi possível, dentre outros motivos, pela utilização do mercado futuro de juros, que movimentava diariamente US\$ 11,2 bilhões. É uma forma de desonerar o Estado. É uma forma de a sociedade contribuir para a modernização do País e deixar que os recursos públicos sejam destinados diretamente à infra-estrutura social.

Confiamos num plano que está dando certo e estamos firmemente convencidos de que o crescimento econômico, tão necessário para corrigir os graves desajustes sociais que ainda apresentamos, exige um mercado de capitais crescente e sadio, cujo potencial no Brasil pode ser ampliado e mais explorado, levando-nos à posição definitiva de líderes latino-americanos, com cadeira cativa entre os poucos influenciadores do mercado mundial.

■ Manoel Félix Cintra Neto é presidente (empossado ontem) da Bolsa de Mercadorias e Futuros

